

A DIDÁTICA DE JESUS NOS ENSINOS DO PRÓLOGO DO SERMÃO DO MONTE: as bem-aventuranças

The didactics of Jesus in the teachings of the Sermon on the Mount prologue: the good beatitudes

Janete Maria de Oliveira¹

RESUMO

Jesus é o mestre por excelência, pois é reconhecido até os dias de hoje. Assim, se faz relevante ponderar sobre suas estratégias didáticas. Será que de algum modo Jesus planejava seus ensinamentos? Pode-se verificar alguma estratégia didática utilizada por Jesus? Para responder a tais questionamentos o presente artigo tem como objetivo geral inquirir sobre a didática de Jesus nos ensinamentos do prólogo do sermão do monte, as bem-aventuranças. Para tanto, delinea-se os seguintes objetivos específicos: arrazoar sobre o planejamento didático de Jesus nos ensinamentos do prólogo do sermão do monte, conceituar o termo “bem-aventurado” utilizado por Jesus como parte de sua estratégia didática, identificar o tipo de literatura, a estruturação, a forma sequencial e interligada de cada uma das bem-aventuranças e ponderar hermeneuticamente sobre a forma sequencial e interligada das bem-aventuranças no texto registrado no livro de Mateus capítulo 5.1-12. Como resultado observou-se que Jesus foi estrategicamente didático utilizando-se de início o termo “bem-aventurado” em todas as bem-aventuranças, bem como o uso da literatura sapiencial ao preferi-las e como a estruturação e interligação entre todas as beatitudes é capaz de produzir reflexões profundas em seus aprendizes.

Palavras-chave: Didática; Ensino; Bem-aventurança

ABSTRACT

Being Jesus the true master, because it's known even nowadays, it is relevant to talk about his didactics strategies. Did Jesus, somehow, plan his teachings? Can

¹ Mestre em teologia pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR), atualmente tutora professora desta mesma instituição, ministrando aulas no curso de graduação e pós graduação em EAD. e-mail janeterui@hotmail.com.



a didactic strategy be seen used by Jesus? To answer such questions or present an article on how to research the didactic of Jesus in the teachings in the prologue of the sermon on the mount, as beatitudes. In order to do so, the following specific objectives are outlined: to reason about the didactic planning of Jesus in the teachings of the sermon on the mount, to conceptualize the term "blessed" used by Jesus as part of his didactic strategy, a sequential and interconnected form each of the good adventures, and hermeneutically pondering on a sequential and interconnected form of the un-written blessings recorded in the book of Matthew chapter 5.1-12. As a result, it was observed that Jesus was strategically didactic by first using the term "blessed" in all the beatitudes, as well as the use of wisdom literature in uttering them and as a structuring and interconnection between all the beatitudes is capable of deep reflections on his apprentices.

Keywords: Didactic, Teaching, Beatitudes

INTRODUÇÃO

Um ensino planejado é uma premissa para o sucesso da aprendizagem, os educadores cristãos têm o exemplo em Jesus, o mestre por excelência. O maior destaque no ministério de Jesus foi o ensino. Ele enxergava no ensino a oportunidade ideal para formar convicções e mudanças de atitudes. Não ensinava pela força com apelos as práticas ritualísticas ou manobras políticas como maioria dos mestres de seu tempo. Assim sendo, refletir como eram as estratégias didáticas deste mestre se faz relevante para todos os que de algum modo lidam com o ensino cristão, uma vez que tais ensinamentos são capazes de gerar valores eternos.

Desse modo, este artigo tem como objetivo geral inquirir sobre a didática de Jesus nos ensinamentos no prólogo do sermão do monte, as bem-aventuranças. Para tanto, delineia-se os seguintes objetivos específicos: arrazoar sobre o planejamento didático de Jesus nos ensinamentos do prólogo do sermão do monte, conceituar o termo "bem aventurado" utilizado por Jesus como parte de sua estratégia didática, identificar o tipo de literatura, a estruturação, a forma sequencial e interligada de cada uma das bem-aventuranças e ponderar hermeneuticamente sobre a forma



sequencial e interligada das bem-aventuranças no texto registrado no livro de Mateus capítulo 5.1-12. Foi abordado neste estudo o texto de Mateus por ele apresentar na íntegra e de forma sequencial todas as bem-aventuranças, ou beatitudes como consideram alguns autores. Além disso, considerou-se oito o total das bem-aventuranças.

Ao se observar a composição do prólogo do sermão do monte, no texto bíblico supracitado, emerge algumas inquietações que serviram de rota para esta investigação. Jesus de algum modo planejava seus ensinamentos? Pode-se verificar alguma estratégia didática no prólogo do sermão do monte? Para responder a tais questionamentos se fez um estudo sobre os prováveis indícios de um planejamento didático nos ensinamentos de Jesus, o uso do termo bem-aventurado, a forma literária e a estruturação no ensino das bem-aventuranças e a análise hermenêutica de cada uma das bem-aventuranças destacando sua forma sequencial e interligada.

1. O PLANEJAMENTO DIDÁTICO NOS ENSINOS DE JESUS

Jesus foi o mestre por excelência. Nisto concordam os estudiosos da Bíblia, tanto no ponto de vista espiritual, teológico, quanto no ponto de vista educacional. Todos os que conhecem a história deste mestre não têm dúvida, seus ensinamentos revolucionaram o mundo, começando por seus discípulos, que outrora acovardados, tornaram-se verdadeiros gigantes na fé. Verifica-se nos ensinamentos de Jesus, estratégias didáticas e métodos variados e o quanto seus ensinamentos são efetivos e duradouros, pois são praticados e reconhecidos até hoje.

É sabido que ensino não é somente o professor falar coerente à frente de uma sala de aula onde os alunos assistem tudo passivamente, mas sua responsabilidade é apresentar os conteúdos de forma organizada para que o aprendiz se aproprie dos conhecimentos e se torne um indivíduo independente, e assim criar novos conhecimentos. Segundo Demo, “Cuidar da



aprendizagem significa dedicação envolvente, contagiante, compromisso ético e técnico, habilidade sensível e sempre renovada de suporte do aluno incluindo-se aí a rota de construção da autonomia”. (DEMO, 2004, p.13) Assim sendo, a didática é o instrumento que o professor se apropria para tornar seu ensino efetivo.

[...] didática é, acima de tudo, a construção de conhecimentos que possibilitem a mediação entre o que é preciso ensinar e o que é necessário aprender; entre o saber estruturado nas disciplinas e o saber ensinável mediante as circunstâncias e os momentos; entre as atuais formas de relação com o saber e as novas formas possíveis de reconstruí-las. (PIMENTA, 2013, p. 150)

Ao introduzir os ensinios do monte com as bem-aventuranças, ou seja, com o texto do livro de Mateus 5.1-12 pode-se perceber que Jesus se mostra-se bastante didático. Diga-se de passagem, Jesus escolheu com muita mestria os termos a serem usados, bem como o tipo de literatura articulando-os perfeitamente nos contextos de seus aprendizes. Assim sendo, o referido texto mostra-se muito bem articulado desde a seleção, estruturação dos conteúdos, bem como a escolha de seu método, demonstrando um ensino planejado, deveras didático.

Dessa forma os ensinios de Jesus se apresentavam de modo intencional, com objetivos claros do que queria ensinar. Portanto, verifica-se mesmo que de modo implícito, seus ensinios são muito bem delineados. “Ele exercia a arte do ensino com desenvoltura, criatividade e muita responsabilidade” [...] “... sua metodologia pode ser definida como completa, significativa e, sobretudo, relacional.” (DOMINGUES, 2016, p. 16)

2. A DIDÁTICA DE JESUS NO USO DO TERMO: Bem-aventurado

Jesus faz a abertura do sermão do monte com as bem-



aventuranças ou as beatitudes como descreve alguns autores. “O termo bem-aventurado no grego é *makarios* e traduzido para o português quer dizer bem-aventurado, feliz ou abençoado. (PINTO, 1996, p. 87) Esse aforismo utilizado por Jesus é muito apropriado, pois felicidade é algo muito amplo e denota muitos significados, é o desejo supremo dos seres humanos. Esse desejo foi implantado no homem pelo próprio criador, que originalmente tinha o propósito de levá-lo a encontrar a verdadeira felicidade, mediante a cooperação com Deus que o criou. O que se pode inferir quando Jesus escolheu o uso desta terminologia é que o Reino de Deus trará novamente a felicidade tão almejada pela humanidade, pelo fato que essencialmente fomos criados para ser felizes.

Ao fazer menção do termo “feliz” no prólogo do Sermão, Jesus rompe com um dos maiores paradigmas da humanidade: a de que se deve fazer coisas para adquirir esse bem supremo, a felicidade. Por ser esse bem tão importante, Jesus prendeu a atenção de seus discípulos para o que ele estava para ensinar. Então, Jesus inicia o Sermão expondo o tema fundamental da humanidade: ser feliz! No entanto percebe-se que o que vem na sequência das beatitudes são princípios do caráter e de conduta. Isto é, não são ações que o cristão deve realizar, mas de como o cristão deve reagir, diante das situações terrenas que o cercam durante a implantação do seu Reino.

O cristão reage assim porque já faz parte do Reino de Deus e quanto mais procede assim, mais se amplia o Reino e o quanto mais ele é feliz. Se é feliz agora porque participa destas bem-aventuranças, procura-se a felicidade do céu e encontra-se a felicidade na terra, ou seja, a aspiração pelas coisas do céu faz os cristãos felizes na terra, a felicidade já começou para aqueles que já têm como realidade as bem-aventuranças. (CHEVROT, 1988, p. 20)

Ao empregar o termo bem-aventurado o mestre ensina qual é o caminho para se alcançar a felicidade ou as bênçãos. Quem conseguisse desenvolver tais beatitudes iria ser visto como afirma



Lloyd-Jones “[...] o tipo de homem que deveria ser imitado, pois somente ele é verdadeiramente feliz (LLOYD-JONES, 2013, p. 28). Jesus ao apontar aos seus aprendizes o enredo “ser feliz” ele atraiu a atenção deles para o assunto, note-se que Jesus colocou o termo feliz ou abençoado já de início, isso mostra Jesus, sendo apreciadamente didático. Igualmente, Jesus precisava desmistificar o conceito real de felicidade no Reino de Deus, uma vez que a expectativa dos judeus sobre a vinda deste Reino, era somente material. “Temos, pois no sermão do Monte uma proclamação solene do Messias que, como fundador e legislador da nova Aliança, declara os seus súditos o que deseja e espera deles, caso queiram servi-lo com fidelidade; não apenas com palavras, mas com obras”. (ENCICLOPÉDIA, 2008)

3. A FORMA LITERÁRIA E ESTRUTURAÇÃO NO ENSINO DAS BEM AVENTURANÇAS

A literatura sapiencial é a forma literária que compõe a maior parte do Sermão do Monte, apresentando-se em forma de poesia e de prosa, ora Jesus falava de forma poética ora em forma de prosa. Constatou-se que no prólogo do sermão do monte a literatura usada é prosa, sendo assim, sua interpretação deve ser feita de maneira literal, o que encaixa perfeitamente nas beatitudes. Analogamente, não se pode fazer ao interpretar uma poesia semítica, que também é utilizada em quase todo Sermão do Monte.

Na sabedoria oriental antiga, podendo incluir também a sabedoria dos israelitas, pois estes utilizavam da literatura sapiencial para expressar suas reflexões sobre a vida, de como vivê-la dentro dos padrões de Deus e assim ter uma vida longa. “A literatura de sabedoria era um gênero literário comum no Antigo Oriente Próximo, onde eram dados instruções para vida bem-sucedida. ” (O NOVO DICIONÁRIO DA BÍBLIA, 1995, p. 945) “Apesar da literatura de sabedoria ter um cunho internacional, este tipo de literatura não escapou de receber o



cunho peculiar de Israel.” (O NOVO DICIONÁRIO DA BÍBLIA, 1995, p. 946)

Dessa forma, percebe-se que os oito primeiros macarismos se constituem em uma frase nominal curta e na sequência em uma frase de fundamentação na terceira pessoa do plural e é descrita em forma de prosa, isso corresponde com os ensinamentos encontrados na literatura sapiencial do Antigo Testamento, o que na maioria das vezes servia para elogiar o bom comportamento humano. Já na nona bem-aventurança Jesus mantém a literatura em prosa, mas muda para segunda pessoa do plural e dirige sua fala diretamente para seus ouvintes. (ZEILINGER, 2002, p. 41)

Não se pode negar a intencionalidade de Jesus ao proferir as bem-aventuranças em forma de prosa. Quando Jesus cita as oito primeiras beatitudes na terceira pessoa do plural ele está incluindo a todos os que estejam dispostos a mudar seu caráter e sua conduta, independentemente de suas características naturais. “Nas bem aventuranças temos características e disposições resultantes da graça divina, produtos do Espírito Santo, e, por isso mesmo ao alcance de todos.” (LLOYD-JONES, 2013, p. 31)

Pode-se observar que Jesus foi estrategicamente didático ao utilizar a literatura sapiencial, Jesus mostrou aos seus aprendizes que as palavras eram profundas, eram palavras de vida e quem as proferia era sábio. Pois só após reflexões profundas se conseguia produzir e pronunciar fatos referentes à vida. Isso pode ser confirmado quando Jesus termina o Sermão do monte: “estavam às multidões maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas. (BÍBLIA, N.T. 2003, Mateus 7.28-29) Eis aí, mais uma vez, Jesus posicionando-se de forma metódica e estratégica o que confirma que Jesus tinha em mente toda uma ação didática ao ensinar.

Outra observação foi à consideração de Jesus pela realidade contextual de seus aprendizes ao adotar uma literatura sapiencial neste prólogo. Sem dúvida mostra que Jesus como um judeu e conhecedor das Escrituras, conhecia que este método iria, sem dúvida, chamar e prender a atenção de seus aprendizes.



4. A FORMA SEQUENCIAL E INTERLIGADA DAS BEM-AVENTURANÇAS

Por serem as bem-aventuranças o prólogo de uma série de ensinamentos que iria ultrapassar tudo que a humanidade já conhecia como lei de Deus, Jesus se utilizou de todas as estratégias que uma introdução apresenta quando se quer prender a atenção e estimular os ouvintes. Uma apresentação deve trazer um resumo de todo o ensino e foi o que Jesus fez, pois nas bem-aventuranças se vê claramente o resumo de todo o perfil e as consequências que teriam seus discípulos ao se tornarem “súditos” deste novo Reino. Este prólogo é estruturado de forma muito planejada, intencional e apresentam uma defluência lógica e espiritual, e é a partir dele que todos os ensinamentos do sermão estão fundamentados.

Desse modo, a primeira bem-aventurança é descrita como bem-aventurado os humildes ou pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus. Jesus mexeu com todos ao colocar a palavra “pobre” já de início, como condição para tomar parte do Reino de Deus, pode-se ver como Jesus foi incisivo e estratégico, pois tocou exatamente na raiz do problema. Mas, afinal quem eram esses pobres ou humildes? Que como essência essas palavras possuem o mesmo sentido.

É muito provável que Jesus se dirigiu aos pobres financeiramente quando falou essas palavras, pois ele sempre declarou que veio para os pobres, esse era o contexto de seu tempo, o povo estava sobre o domínio de um governo que cobrava altos tributos e os religiosos da época como eram isentos destes pagamentos nada faziam para mudar essa injustiça social.

O auditório de Jesus era constituído em grande parte pelo bom povo do campo, por pequenos proprietários, artesãos de aldeia e pescadores do lago. Os sumos-sacerdotes e fariseus tinham desprezo por essa população, chamavam-lhes “malditos ignorantes da Lei” (Jo 7.49). Em breve Cristo dirá que eles são os “benditos”, os bem-aventurados.



(CHEVROT, 1988, p. 16)

Mas, certamente não era somente da pobreza material que Jesus falara por isso Mateus escreve que são os “pobres de espírito”, mas da pobreza espiritual que como consequência desencadeia a pobreza material. A pobreza material entrou no mundo por causa do pecado e como todo pecado não se manifesta isoladamente, traz consigo outros tipos de pecados. Deus dividiu a terra para que todos pudessem tirar dela seu sustento, Deus ordenou a Moisés que ninguém poderia ficar sem terra até o estrangeiro, o que aconteceu na realidade? Os israelitas viram os estrangeiros como escravos para manejar a terra, deixaram de trabalhar produzir e escravizaram outros que não tinham a terra, mais uma vez a injustiça social se instalou na terra, pois desobedeceram a Deus (BÍBLIA, A.T. 2003, Levíticos 25). Deus nunca quis a pobreza para nenhum homem, mas a fleuma e o domínio do outro trouxeram o caos social, com egoísmo, riquezas para poucos e pobreza para muitos e isto faz consolidar o que Jesus disse “Os pobres sempre tendes convosco”. (BÍBLIA, N.T. 2003, João 12.8)

A falta de observância do real valor dos recursos materiais deixados por Deus aos homens e isso parece ser a raiz do problema de toda pobreza existente no mundo. Assim, Jesus trouxe muito ensinamentos envolvendo essa questão, pois a maioria das parábolas contadas por Jesus fala de recursos financeiros. A busca pelo dinheiro é uma condição intrínseca do ser humano, é uma busca insaciável, quanto mais se têm dinheiro e o que ele pode comprar mais se quer. Não é o dinheiro em si que traz o mal, pois o ser humano depende de dinheiro para se manter, mas quando o dinheiro faz frente a Deus se tornando um deus. Dessa forma, Jesus mesmo afirma: “Escolham a que sirvais a Deus ou Mamom.” (BÍBLIA, N.T. 2003, Lucas 16.13)

Mamom era o deus das riquezas, é visto assim pois manifesta-se por uma busca incontrollável, pois o dinheiro traz consigo o poder, domínio e segurança. Jesus sempre chamou a atenção para



o perigo da riqueza material, uma vez que o dinheiro traz consigo o poder e isso pode ser prejudicial, pois quando o ser humano se sente poderoso, ele deixa de reconhecer que é carente de Deus, ele deixa de admitir sua pobreza espiritual e é aqui que Jesus introduz a primeira bem-aventurança. Lembrando-se que isso pode ocorrer também com o pobre material que vive consumindo-se pela cobiça de enriquecer, pois também vê na riqueza, mesmo não a tendo, a sua segurança.

[...] o dinheiro pode se tornar um diabo, um deus rival que reivindica nossa fidelidade, que exige para si tudo aquilo que por direito é de Deus.

[...] o dinheiro confere poder. E tudo que confere poder detém em si mesmo o potencial de rivalizar com Deus. Dinheiro não é neutro. Dinheiro é facilmente elevado a categoria de deus. Dinheiro vira rapidamente Mamom. (KIVITZ, 2009, p. 101)

Todo ser humano é falido espiritualmente por causa do pecado, e está sob a santa ira de Deus, sem condições nenhuma de pagar o preço, sem condições de comprar esse favor de Deus, não merece nada a não ser o juízo de Deus. Reconhecer isso é ser pobre de espírito ou humildemente pobre. (STOTT, 1985, p. 28) Desse modo, os humildes ou os pobres de espírito são aquelas pessoas que reconhecem qual é a sua condição, ou seja, sem nenhum recurso espiritual que a pudesse livrar do veredicto da morte eterna, independente se são materialmente ricas ou não. Jesus traz nesta bem-aventurança que é feliz aquele que possuindo ou não recursos materiais vivem felizes, pois é desprendido das riquezas terrenas, ele ensina que são estes os possuidores do Reino.

A segunda bem-aventurança, descreve que é feliz o que chora porque serão consolados. Na primeira bem-aventurança confessasse o quanto se é carente e reconhece-se o quanto não se têm nenhuma condição de sozinho alcançar a redenção, pois a pobreza espiritual é uma realidade para qualquer ser humano. Então, se deve sentir contrição e choro pelos pecados e também pelos



pecados da humanidade que vivem sem Deus. O que se percebe é a dependência desta segunda bem-aventurança com a primeira.

Fica claro aqui que esse choro tem um significado espiritual e não o choro por alguma perda, o que está em pauta é uma tristeza espiritualmente provocada, da mesma maneira que o pobre não está ligado diretamente às questões financeiras, pois é uma atitude totalmente espiritual que pode ser notada ao longo dos ensinamentos do Novo Testamento, um deles é que aquele que pertence ao Reino de Deus não se conforma com este mundo. (LLOYD-JONES, 2013, p. 49)

O choro espiritual advém da consciência do ser humano pelo pecado cometido, e o que ainda se vai cometer, pois neste mundo não se está isento do mesmo, o que se está é livre do domínio do pecado pela graça de Jesus, lamentar pelos pecados é fazer um exame periódico para eliminá-lo.

Ora isso não é um esforço da imaginação; mas é uma experiência real, que corresponde à realidade. É um teste deveras radical. Se eu objetar esse ensino, tal objeção significará somente que eu não me lamento, e disso seguir-se-á que eu não posso ser contado entre aqueles que nosso Senhor chamou de bem-aventurados. (LLOYD-JONES, 2013, p. 53)

A terceira bem-aventurança descreve que feliz são os mansos, porque eles herdarão a terra. Nesta bem-aventurança percebe-se uma grande discrepância com relação ao contexto no momento deste ensino como também nos dias hoje, pois para o reino deste mundo não são os mansos que herdam a terra, mas aquele que tem força para se impor e combater para conquistá-la. “Os judeus entretinham determinadas ideias sobre o reino de Deus, as quais não somente eram materialistas, mas também militarista”. (LLOYD-JONES, 2013, p. 57) O que Jesus vem nos ensinar com essa bem-aventurança é que não é pela força militar de seu tempo ou pela força das palavras violentas que vamos conquistar, mas de como a mansidão é capaz de nos fazer “herdar” ganhar sem força



os nossos espaços na terra e conseqüentemente na eternidade.

Num mundo em que a força tem a última palavra o Evangelho não anuncia ingenuamente a supremacia da fraqueza; mostra-nos aonde anuncia a verdadeira força. A força segura de si própria não tem obrigação de se mostrar brutal: a força intransigente e serena acaba por expulsar todas as violências, é o domínio próprio. Assim como os pobres, segundo o evangelho são os verdadeiros ricos, assim também os mansos são os verdadeiros fortes. (CHEVROT, 1988, p. 63)

Mas que mansidão é essa que o cristão é chamado a possuir? Primeiramente deve-se compreender o que não é mansidão, pois muitas vezes pode-se fazer confusão e equivaler essas palavras. Mansidão não quer dizer indolência, nem condição de fraqueza, nem a pessoa que se abstém de opinar para não entrar numa discussão, mas é a pessoa que é forte em seu caráter, possui autoridade, é aquela pessoa que retém toda forma de agastamento e também não tem desejo de aplicá-lo. O homem manso é alguém que acredita em defender com tal empenho a verdade que até se dispõe a morrer por ela como, por exemplo, os mártires. (LLOYD-JONES, 2013, p. 61)

O maior exemplo de mansidão foi o próprio Jesus “Eu sou humilde e manso de coração”. (BÍBLIA, N.T. 2003, Mateus 1.29) Contudo, Jesus nunca se mostrou fraco, indolente, indefeso diante de sua opinião e muito menos tímido, ao contrário, como por exemplos, a sua atitude com os vendilhões do templo e todas as afrontas dos estudiosos e religiosos de seu tempo e o que dizer de sua fala ao governador Poncio Pilatos quando estava pronto para o matar? “[...] nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada [...]” (BÍBLIA, N.T. 2003, João 19.14b) Jesus mostra-se intenso, veemente e forte, estas são as características de quem tem espírito manso. Mas qual é a diferença daquele que se encoleriza e demonstra acessos de ira em defesa de algo? A diferença é que o manso se encoleriza para defender interesses e opiniões pessoais, pois ela não é provocada pelo egoísmo e nem alimentada pela



jactância. (CHEVROT, 1988, p. 64) O manso nunca se orgulha de si próprio, não luta por causa própria mas sempre em função do outro, o manso abre mão de seu direito em favor do outro. Só se pode adquirir essa virtude quando decide-se dominar a si próprio.

O domínio próprio faz falar na hora certa, propicia o momento certo para que as coisas sejam ditas há seu tempo, e de forma mais delicada. Já ira enfraquece os argumentos mais sólidos, em contrapartida a calma permite dialogar e defender as afirmações. “O domínio próprio é a arma dos fortes.” (CHEVROT, 1988, p. 66) Dominar-se parece ser uma das condições para atingirmos o espírito de mansidão que exige a terceira beatitude e só se consegue com a ajuda do Espírito Santo, pois por mais naturalmente manso que uma pessoa seja, todo ser humano possui em seu interior algo pessoal a ser defendido. Somente alguém transformado pelo poder do evangelho consegue ter a consciência desta realidade e tem condições de torná-la como prática em sua vida e assim ampliar o Reino de Deus na terra.

“Os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos”. Essa beatitude fala do empenho que todo cristão deve buscar para que a justiça se estabeleça na terra. Justiça está, em todos os níveis, tanto no relacionamento correto com Deus, como a justiça de caráter e conduta irrepreensíveis e a justiça em relação aos outros. Esses níveis de justiça são caracterizados na Bíblia por Justiça legal, moral e social respectivamente, a justiça legal é aquela que busca um relacionamento correto com Deus que é a justificação, a justiça moral é nosso aprimoramento pela nossa boa conduta e caráter e a justiça social é a defesa de todo e qualquer ser humano ante a injustiça. (STOTT, 1985, p. 35)

Nota-se que na sequência da descrição das bem-aventuranças há uma lógica sem precedente, pois somente o cristão que se vê carente de Deus, sente tristeza e chora pelos erros eventuais, não pleiteia em causa própria, então, pode ser esfomeado e sedento por justiça. Pode-se conceituar justiça como “a qualidade pela qual determinada coisa se ajusta exatamente àquilo para que foi destinada” (CHEVROT, 1988, p. 102). Essa fome e sede não só vai nos



tornar os cristãos piedosos, mais vai ajudar a fazer o mundo de alguma forma melhor.

Sentir fome e sede de justiça é contemplar todos os dias um relacionamento pessoal com Deus, uma conduta moral, ou seja, como deve ser o comportamento diante das necessidades dos outros. Outrossim, é nunca se sentir satisfeito, pois nunca se irá ser completamente justo nesta vida, a prática da justiça é uma escalada da vida cristã, ser mais justos em todos os níveis hoje, mais do que ontem e melhor ainda amanhã. Entendendo que não se faz assim para alcançar a salvação, está já foi conquistada por Cristo, mas a finalidade destes níveis de justiça é para que o Reino de Deus se amplie na terra.

Descobrimos agora a amplitude da “justiça” de que os discípulos de Jesus têm fome e sede: ela torna-os insaciáveis em alcançar a glória de Deus promovendo a felicidade dos homens; em reconstruir o mundo tal como Deus o ordenou [...] [...] É uma inquietação que nos faz rezear não darmos aos nossos irmãos tudo o que lhes devemos[...] (CHEVROT, 1988, p. 103)

Verifica-se que a partir desta bem-aventurança a atitude do cristão começa a mudar de foco, mostra as atitudes que se deve ter consigo mesmo e com o próximo, mesclados numa mesma beatitude, a fome e a sede de ajustar-se às tais qualidades e preocupar-se se estas qualidades estão sendo ajustadas a todos.

Bem-aventurado os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Nesta bem-aventurança o foco é retirado do crente, para ir em direção as reações que o cristão deve ter com o próximo. Nesta bem-aventurança, pode-se ver uma sondagem de Jesus em cada cristão “elas nos afirmam que, ao vivermos nossa vida diária o tempo todo estaremos proclamando exatamente aquilo que somos.” (LLOYD-JONES, 2013, p. 89)

Se a prática da justiça da bem-aventurança anterior direciona para o amor, pois sem amor não temos como praticar a justiça no Reino de Deus, a misericórdia direciona para o perdão. Ser



misericordioso implica em exercer compaixão para com todos os necessitados inclusive para aqueles que de alguma forma são ofensivos. Misericórdia é “a partilha efetiva das misérias de nossos irmãos, de suas dificuldades materiais e suas fraquezas morais.” (CHEVROT, 1988, p. 114)

Os conceitos de justiça e misericórdia no sistema do mundo, não são os mesmos que no Reino de Deus, e às vezes são interpretados como termos antagônicos. A justiça humana declara que devesse pagar pelos atos errôneos, o que é antagônico a misericórdia. Jesus ensina que no seu Reino justiça e misericórdia são termos distintos e não são antagônicos, são consideradas antagônicas pelas pessoas que não fazem parte do Reino, pois tem como base a razão. O Reino de Deus tem como base o amor o que não é facultativo aos seus súditos então, exercer a misericórdia se torna um ato de justiça. (CHEVROT, 1988, p. 113-114)

Deve-se olhar para as misérias do outro com amor, assim como Deus viu a miséria dos homens e demonstrou misericórdia não dando o que realmente este merecia, mas em compensação o cobriu com sua graça e deu ao homem o que não mereciam, a saber, o perdão total e definitivo de todas as culpas.

A próxima bem-aventurança descreve: são felizes os puros de coração porque eles verão a Deus. Para uma melhor compreensão dessa bem-aventurança tem-se que refletir sobre o conceito de “puros de coração”, à luz do evangelho do Reino. Não são aqueles que não se apresentam impuros, pois essa é uma condição impossível para os homens. A luz do Evangelho do Reino puro de coração é uma disposição deliberada de sempre praticar o que é correto, o puro de coração quando percebe alguma impureza em sua vida, luta para que seja retirada e se sente insatisfeito com toda e qualquer forma de pecado que venha macular seu relacionamento com Deus.

A “pureza de coração”, que Cristo elevou a lei, é essencialmente uma adesão incondicional ao bem, uma vontade se nem sempre realizada, pelo menos firmemente



decidida, de não dividir o coração entre o bem e o mal, e esta fidelidade sempre renovada lhe poupará sem dúvidas muitas faltas e desvios e ao mesmo tempo lhe revelará que ainda é possível ir mais longe na imitação de Jesus Cristo. (CHEVROT, 1988, p. 132)

Ainda, nessa beatitude encontra-se a promessa fantástica, a de que se a pureza estiver no cristão este verá a Deus. Considerando que ver a Deus não é só para o futuro na eternidade, mas isso já começa aqui durante a implementação de seu Reino na terra, corroborando com o apóstolo João: “Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado.” (BÍBLIA, N.T., 2003, I João 4.12) Nos relacionamentos de amor para com o outro, ali Deus está e então podemos vê-lo, não de uma forma nítida e literal, mas de que a imagem de Deus vai se formando em cada um. “Ver a Deus é uma promessa da feliz visão da intimidade de Deus, o conhecimento e a experiência de sua pureza absoluta e participação em seu ser.” (ZEILINGER, 2002, p. 62)

A próxima beatitude é: “Bem-aventurados os pacificadores porque serão chamados filhos de Deus”. Ser pacífico a ponto de ser reconhecido como filho de Deus, segundo o evangelho do Reino não é somente evitar os conflitos muito menos evitá-lo aceitando tudo para desviar de uma indisposição. Mas, é lutar sem pensar em si próprio, toda a forma de guerra vem do egoísmo dos homens, essa atitude nos faz tomar posição de defensiva e isso é guerra declarada, “Antes que alguém possa ser um pacificador terei de se liberto do próprio “eu”, dos interesses próprios e da preocupação consigo mesmo.” (LLOYD-JONES, 2013, p. 113)

O cristão pacífico não hesita em assumir a defesa da verdade e da justiça; mas evita ou resolve os conflitos graças ao seu equilíbrio interior, à sua retidão interior, à sua retidão amiga das situações claras, à sua calma que domina o ímpeto das paixões. (CHEVROT, 1988, p. 144)

Esse esvaziamento só se torna real com a presença de uma



nova natureza, o que indica um coração puro, isento de si e cheio das coisas de Deus, evitado assim que todo tipo de egoísmo declare guerra. Outra implicação em ser um pacificador é pacificar uma guerra, ou seja, refletir sobre o que não deve ser falado, replicar uma fala, não passar informação quando souber que estas podem prejudicar alguém, avaliando tudo a luz do evangelho, antes de tomar qualquer atitude em tempos de guerra, isso abrandando qualquer declaração de conflito e nos torna felizes ou bem-aventurados.

Reputando os versículos 11 e 12 do capítulo 5 de Mateus, como sendo a oitava e última bem-aventurança, nela distingue-se que Jesus ensina que todas as sete primeiras, formam o perfil do cristão e este poderá desencadear uma aversão daqueles que não fazem parte do Reino de Deus. Consequentemente, isso resultaria em perseguição, mas que em meio a toda essa perseguição eles ainda poderiam ser felizes.

Por que seriam felizes? Por certo pelo fato de que estas perseguições os tornariam dispersos e isso resultaria na propagação do Evangelho do Reino de Deus, por certo e já visto neste estudo, todo cristão que esteja disposto a introduzir em sua vida as beatitudes demonstrarão uma anulação de si próprios e então, o fato de ser perseguido não tem o mesmo peso para quem não quer se dispor na implantação e promoção do Reino de Deus. As perseguições não se tornam uma maldição, mas uma bênção, um privilégio, indica que se está sendo um súdito do Reino de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que não se tem um registro dos planejamentos de ensinamentos de Jesus, percebe-se nitidamente em seus ensinamentos uma organização metodológica do que queria ensinar, isso reflete que de alguma forma seus ensinamentos foram didaticamente planejados. De início, Jesus usa o termo bem-aventurado que traduzido quer dizer “feliz”, assim atrai a atenção de todos os seus ouvintes, pois ele primeiro dá o resultado com uma visão positiva, do que



essencialmente todos os humanos almejam: a felicidade; só então ele relata quais seriam as características para se adquirir este resultado, ou seja, o indivíduo deveria ser pobre de espírito, chorar devido essa pobreza espiritual, ser insaciável pela justiça, ser misericordioso, ser puro de coração e ser um pacificador.

Ao empregar a literatura sapiencial Jesus fez seus aprendizes perceberem que os ensinamentos que se seguiam eram muito importantes, pois advinham de um mestre, um sábio, o que em seus contextos significava ensinamentos para uma vida próspera. Ao demonstrar complexidade e profundidade nas bem-aventuranças certamente Jesus queria que eles refletissem profundamente e pudessem fixar essas verdades. Nessas condições e ao estudar a hermenêutica de todas estas bem-aventuranças verifica-se uma sequência e uma interdependência entre cada uma delas, pois cada uma é consequência da anterior.

Em suma, não é possível chorar as nossas misérias sem antes se sentir pobre, então só após desenvolver estas duas beatitudes se pode deixar de defender os próprios interesses assim, se é tomado pela terceira beatitude o espírito de mansidão. Com essas três beatitudes conquistadas virá o sentimento de fome e sede de justiça, em consequência disso se torna misericordioso que é a quarta beatitude. Logo após se fará todo o esforço para manter o relacionamento com Deus, pela pureza. A pureza traz consigo a libertação do “eu” e naturalmente se deseja ser um pacificador.

Desse modo, a interligação e a sequência lógica com que essas virtudes são descritas nas bem-aventuranças é mais um sinal de que Jesus havia planejado didaticamente estes ensinamentos, pois suas estratégias e métodos o denunciam. A interligação mostra claramente que todas essas virtudes deveriam ser observadas por todos os que desejavam fazer parte do Reino de Deus. Sendo assim, Jesus as dispõe uma a uma antecedendo pelo termo feliz que é o que mais se almeja só então Jesus começa seus ensinamentos do sermão da montanha, ou seja, os resultados para quem observar tais bem-aventuranças.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA, N.T. Mateus. Português. **Bíblia Sagrada**. Versão Almeida Revista Atualizada. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

CHEVROT, G. **O Sermão da Montanha**. Tradução de Alípio Maia de Castro. São Paulo: Quadrante, 1988.

DEMO, Pedro. **Professor do Futuro e Reconstrução do Conhecimento**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

DOMINGUES, G. **Andragogia de Jesus**: a metodologia de ensino que transformou o processo educativo. Curitiba: AD Santos, 2016.

ENCICLOPÉDIA da Vida de Jesus. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2008. 1v.
KIVITZ, E.R. O Livro mais mal humorado da Bíblia. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

LLOYD-JONES. **Estudos no Sermão do Monte**. 10ª ed. Tradução de João Bentes. São Paulo: Fiel, 2013.

O NOVO DICIONÁRIO DA BÍBLIA. São Paulo: Vida Nova, 1995, v.1.

PIMENTA, SELMA GARRIDO *et al.* A construção da didática no GT Didática—análise de seus referenciais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 52, p. 143-162, 2013.

STOTT, W.R.J. **A Mensagem do Sermão do Monte**. 3ª ed. Tradução de Yolanda Krievin. São Paulo: ABU, 1985.

ZEILINGER, F. **Entre Céu e a Terra**. Tradução de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulinas, 2002.

